

Hélio R. S. Silva, **Travesti, a Invenção do Feminino**, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, ISER, 1993, 176 páginas.

Esta obra é o resultado da dissertação de mestrado defendida no programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ por Hélio Silva (professor da UFSC) com o título “Lapa dos travestis”. Silva realiza sua pesquisa na Lapa — bairro do Rio de Janeiro conhecido como o berço da boémia e famoso pela sua arquitectura — durante o ano de 1991, da qual decorre este estudo etnográfico sobre o transvestitismo na sociedade brasileira. O autor advoga que não teve uma preocupação particular com a isenção e neutralidade, pois estava mergulhado na subjectividade dos nativos. É este contexto que o leva a abordar questões como a identidade, o género, a promiscuidade sexual, a marginalidade e o sado-masiquismo.

Com o objectivo de se aproximar dos travestis, este investigador transformou a sua vestimenta, usando uma indumentária com uma conotação “mais *gay*”, embora o universo estudado seja complexo e heterogéneo. Mudou também a sua atitude, não usou a prática corrente de entrevistas e recolha de informações, com um aspecto de autoridade etnográfica, mas passou a ser um simples consumidor de cerveja, adquirindo um lugar parcial naquela cultura. Ou seja, enquadrou-se no que constatou Gilberto Velho (*O Desafio da Cidade — Novas Perspectivas da Antropologia Brasileira*, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980): que os investigadores modificam as suas opiniões em função das suas trajectórias, fases da carreira e várias mudanças existenciais. Dessa forma, foram criadas certas fantasias quanto à identidade do pesquisador; porém, ele jamais mentiu, omitindo sim várias informações sobre si mesmo. Para conseguir uma aproximação a esse público procedeu também à afirmação de que tinha uma “tara” diferente e gostava de conversar. Neste sentido, o trabalho do antropólogo consistiu em problematizar as ideias, e não em descobrir uma nova cultura.

Hélio Silva permaneceu onze meses no seu campo de pesquisa, acabando por desenvolver um certo envolvimento com os sujeitos da mesma. Assim, mesmo sabendo da frieza dos procedimentos da operação transexual, ao rever um vídeo sobre o tema, acompanhado da travesti Lucrécia, a qual participou intensivamente no estudo, o pesquisador ficou imobilizado, dado o afecto que nutria por ela. Mariza Peirano (*A Favor da Etnografia*, Rio de Janeiro, Editora Relume Dumará, 1995) já dizia que nas pesquisas antropológicas a personalidade e a subjectividade do antropólogo estão intimamente ligadas ao seu trabalho. Nesse sentido, Franz Boas (*Antropologia Cultural*, organização de Celso Castro, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004) afirma que a atitude subjectiva do investigador influencia os resultados da sua interpretação.

A obra encontra-se dividida em tarde, noite e manhã, pois é dessa forma que funciona o quotidiano dos travestis. No período vespertino preocupam-se com a sua aparência física: retirar os pêlos faciais com uma pinça torna-se uma compulsão, fazem depilação e cuidam das suas madeixas. O início da jornada de trabalho ocorre no período nocturno nas esquinas e calçadas. Esta prática do *trottoir* é um dos factos que levam à decadência dos travestis, que se expõem quer a humilhações psicológicas, quer físicas, como o vírus HIV. Trabalhando de madrugada, os travestis dormem de manhã. Trata-se de indivíduos socializados, pois vivem e relacionam-se com as pessoas no contexto onde estão inseridos.

Em torno do travesti forma-se uma dupla identidade. Por um lado, uma identidade própria, voltada para a constante procura da beleza, dos vestidos mais bonitos, da maquilhagem mais conveniente, num forte movimento exibicionista. Por outro, a identidade criada pela sociedade, que, a cada demonstração e aparição destes indivíduos, ri, diz piadas e assume um tom irónico que os envolve em níveis sensoriais. Ou seja, como afirma o autor: “O travesti tem dupla pele: a de purpurina e a de humilhação. Em que ordem não se sabe. Ou talvez numa pele só tecida pelos dois ingredientes” (p. 41). A partir dessa frase, Hélio Silva descreve a realidade do travesti, o seu local de trabalho, a forma como à noite se expõe na calçada sem saber quem irá passar por ali. As ruas são, assim, marcadas pelo imprevisto de todo o dia, onde expõem a “bunda”, a coxa e os seios. É importante ressaltar que os travestis apresentam um sintoma paranóico em função da ameaça que vivem no quotidiano; portanto, a construção da sua identidade consolida-se numa direcção social. Esta autoconstrução decorre, por isso, da sua intenção de se mostrar, de aparecer, de ter uma existência plena.

Este ser humano, alvo da não aceitação da sociedade, revela que a maioria dos seus clientes é passiva. Ao fazerem tal afirmação declaram uma luta aberta contra os ditos “machões”, os casados, os pais de família, os “caretões”, que os criticam, mas ao mesmo tempo os procuram nas esquinas. Enfim, ao proferirem tal declaração, mais do que desmoralizar o “machão”, os travestis estão a protestar contra todos aqueles que vestem uma máscara, que se afirmam como um modelo do bom comportamento, mas que podem deslizar para práticas não condizentes com as suas imagens públicas. Conforme o autor refere, é compreensível o quanto este facto deve irritar quem se expõe com tanta ousadia, quem luta contra todos os preconceitos e passa por tantas humilhações em nome da fidelidade a si mesmo.

A ambiguidade é um traço forte no *ethos* do travesti, pois ele é visto como um desviante, embora o facto de ele ir para a rua constitua uma contradição se considerarmos que a noção de proibido sempre remete para a noção de escondido e o desvio deve ser realizado em âmbitos sociais periféricos e pouco frequentados. Porém, este indivíduo já está vinculado à

paisagem urbana do mundo contemporâneo, ocupando um espaço na nossa sociedade e dispendo de uma rede que opera e trabalha em torno dele. Rede essa que engloba diversos serviços, envolvendo heterossexuais com família que, através desse contacto diário, acabam por naturalizar o travesti. Neste contexto, percebe-se a emergência de um processo histórico de mudança, um movimento de incorporação social do travesti, no qual os desviantes são aqueles que não os aceitam. Assim, como o coloca Eunice Durham Durham [*A Dinâmica da Cultura — Ensaios de Antropologia*, São Paulo, Editora CosacNaify, 2004], a vida social, seja qual for o agrupamento humano, não pode ser considerada um caos incompreensível.

Com esta sua etnografia o antropólogo Hélio Silva conquistou um espaço essencial. Mesmo com os obstáculos ético-morais que se põem quanto ao seu envolvimento ou não com os travestis, é preciso considerar o quão vinculado está à subjectividade o antropólogo no seu trabalho, sendo que ele teve uma visão e interpretação do grupo a partir dos seus olhos, por mais neutro e imparcial que tenha sido na sua investigação. Vimos então que os travestis, indivíduos que fazem parte da sociedade brasileira, são alvo de polémica e contradição, pois são ousados, exagerados e mesmo biologicamente masculinos, mas apresentam uma consciência de mulher. A sua transição leva-os à procura da estética feminina. Para a sociedade tal atitude é inconcebível, pois o “diferente” sempre é patológico e precisa de ser isolado e obscurecido. Porém, é fundamental a abertura da sociedade a este novo estilo de pessoa, como afirma Silva, ao citar Stoller (1982), que advoga que esse “feminino” não é somente uma ilusão, mas sim “um outro FEMININO, uma outra possibilidade do FEMININO”.

Miriam Furlan Brighente
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil